

A construção temporal do triângulo territorial *Eburobrittium*, Óbidos e Caldas da Rainha

Carlos Silva Graça

RESUMO: O triângulo *Eburobrittium* (época romana), Óbidos (medieval e moderna) e Caldas da Rainha (industrial, de turismo termal e veraneio), é uma demonstração da interpretação e implantação humana em suportes físicos com diferentes características, que respondem a diferentes aspirações dessas colectividades e das suas Circunstâncias ao longo da história.

A oferta cultural no Território e nas Paisagens herdadas em função destes períodos constitui um conjunto de potencialidades e contributos para a sua gestão, com possibilidades de sinergias entre si. É fundamental que sejam incorporados em estratégias integradas, como forma de preservação e construção Identitária. O conhecimento do Território e da Paisagem é a primeira forma de acção sobre eles.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação do Suporte Físico, Regressão Lagunar, Evolução Territorial, Nova Oferta Cultural.

SUMMARY: The triangle *Eburobrittium* (Roman), Óbidos (Medieval and Modern) and Caldas da Rainha (Industrial; Thermal and Summer Leisure Tourism) is a demonstration of the human interpretation and settlement in physical supports with different characteristics responding to different aspirations of these collectivities and their Circumstances throughout history.

The cultural offer in the Territory and in the Landscapes inherited from those periods provides a set of capabilities and contributions for their management, with possibilities of joint synergy. It is essential to incorporate them in integrated strategies as a form of identity preservation and construction. Territory and Landscape knowledge is the primary form of action over them.

KEYWORDS: Communication of the Physical Support, Lagoon Regression, Territorial Evolution, New Cultural Offer.

1. A COMUNICAÇÃO DOS SUPORTES FÍSICOS: os Locais transformados em Lugares

Os Locais, enquanto suporte físico e espacial são comunicantes. Constituídos por matérias, formas, luz, têm a capacidade de comunicar com o Homem. Ou melhor, o Homem tem a capacidade de os interpretar e tornar significantes para si próprio, adjectivando-os, atribuindo-lhes identidade e incorporando-os no seu sistema de referências. A esses suportes físicos - os Locais - passam a existir correspondências, construções psicológicas e imateriais - os Lugares.

Essa construção de Lugares, subjectiva e individual, manifesta também matrizes Colectivas pela influência mútua entre indivíduos - a Cultura - afectada quer pelos indivíduos coevos, quer também pelos antepassados que os moldam - a Memória. A Memória e a Cultura são por isso agregadoras de sensibilidades Colectivas - Lugares Comuns - com efeitos de entendimento e reciprocidade social e que se materializam na construção de Locais, Territórios e Paisagens, ou nem se materializam de todo, mas apenas em formas imateriais, ideias, mitos, religiões, utopias...

Numa relação entre figura e fundo, Paisagens e Locais são um só, complementares e indissociáveis, contribuindo numa comunicação conjunta para a construção de Lugares, através da conformação de ambiências. É importante consciencializar que o Local de “aqui” constitui a Paisagem de “além”, e que a mesma por sua vez, é também constituída por conjuntos de Locais como este de ”aqui”. Assim, a mesma realidade física é Local ou Paisagem em função da posição do Observador. Nesse sentido, a gestão e construção de Paisagem é a dos próprios Locais - e respectivos Lugares – e das dinâmicas que sobre eles actuam. É um processo cultural colectivo da sua apropriação e manipulação em função da Circunstância.

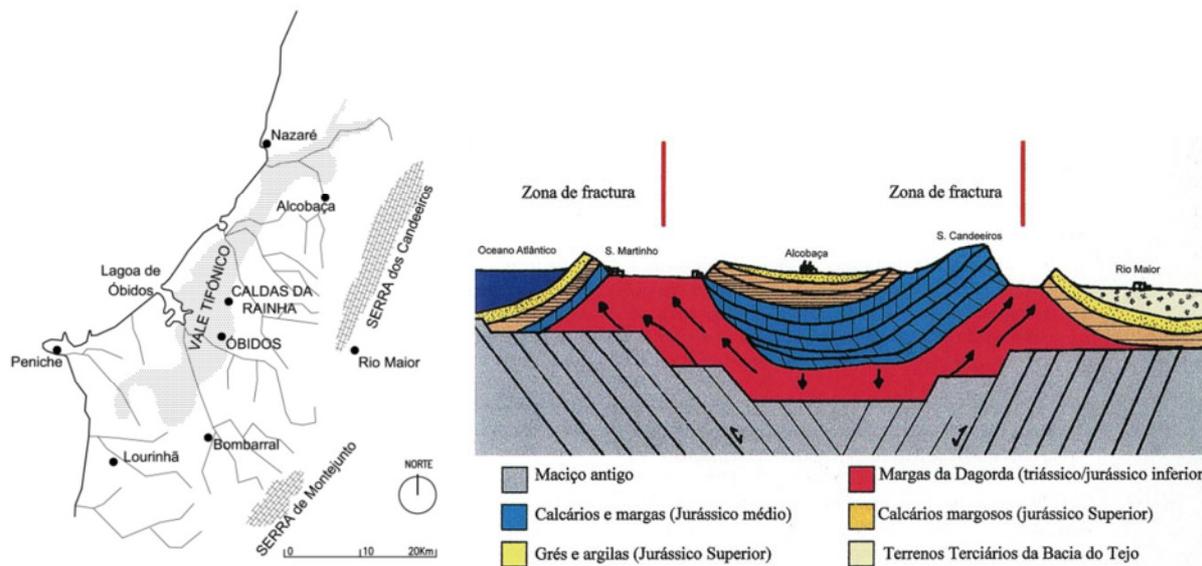
O entendimento do suporte físico e dos locais é fundamental para entender a sua capacidade comunicativa, e com isso compreender as conformações introduzidas na acção e construção humanas na formação de Paisagem.

2. VALE TIFÓNICO e LAGOA DE ÓBIDOS - elementos estruturantes do suporte físico

O território em questão é fortemente marcado por dois elementos fundamentais: o Vale Tifónico das Caldas da Rainha e a Lagoa de Óbidos.

O Vale Tifónico das Caldas da Rainha encontra-se paralelo à Serra dos Candeeiros para poente. É constituído por estratos geológicos (margas e calcários) que pela sua maior densidade exercem pressão sobre estratos menos densos (como margas salíferas - sais - ou margas gipsíferas - gessos) que se encontram em maior profundidade. Esta pressão associada

a pontos de ruptura das camadas superiores, provocam a ascensão dos materiais menos densos - diapirismo. As camadas superiores constituem também barreiras impermeáveis forçando a concentração de águas em profundidade - onde adquirem temperatura - e proporcionando um rápido fluxo ascensional à superfície, em pontos frágeis dessas camadas ou nos limites das mesmas. Reúnem-se as condições para o surgimento de nascentes hidrotermais e de indústrias extractivas - visíveis no território - nomeadamente gessos e salinas.



Localização do Vale Tifónico no território.
Adaptado de (SERRA, 1991:9).

Corte esquemático do Vale Tifónico e do fenómeno de diapirismo. (MARQUES [et al], 2001:217).

Também a Lagoa de Óbidos se revela um elemento estruturante no suporte físico, bem como a sua regressão ao longo da história.

A subida e descida do nível das águas dos oceanos deveu-se à fusão ou aumento das massas de gelo, em períodos de aquecimento ou arrefecimento.

Após o máximo regressivo [do mar - glaciação do Würm - há cerca de 18.000 anos], registou-se subida generalizada do mar, que culminou acima do actual (2-4m) na [...] transgressão flandriana registada há cerca de 6-5000 anos. Na sequência desta subida, o mar penetrou pelas gargantas escavadas na regressão anterior e inundou a secção inferior dos vales e as áreas mais baixas da depressão, dando lugar a estuários e lagunas. Assim se formaram as lagunas da Pederneira, Alfeizerão e Óbidos. O movimento geral de descida do mar até ao nível actual desencadeou nova vaga de erosão que produziu sedimentos para a formação de restingas e cordões litorais. Com o desenvolvimento destas formas, a comunicação das lagunas com o mar foi progressivamente sendo comprometida [...], as lagunas transformaram-se em sapais que evoluíram para pauis e posteriormente para planícies aluviais, figurando um processo evolutivo natural. (HENRIQUES [et al], 2005:21).

É neste contexto de regressão lagunar, que devemos enquadrar a maior parte do desenvolvimento do território em questão. A Lagoa, as margens e várzeas decorrentes do seu assoreamento e regressão, promoveram a fixação de estabelecimentos humanos, com actividades quotidianas, económicas e culturais em função dela, possibilitando a pesca como alternativa ao oceano nos perigos do Inverno, mas também a caça e a agricultura, de onde eram extraídas algas e limos para fertilização dos solos.

Estes, juntamente com o Vale Tifónico, constituem elementos com capacidades de uniformização da Paisagem, desde logo pela evidência de um antigo mar interior entretanto materializado em planícies aluvionares, mas também, pelas zonas de Várzea que correspondem largamente a zonas de exploração agrícola.



Localização de *Eburobrittium*, Óbidos e Caldas da Rainha.
Carlos Graça - manipulação sobre *Google Maps*.

3. EBUROBRITTIUM

Ao escrever no século I sobre as cidades romanas na costa atlântica da Península Ibérica, o autor romano *Plínio-o-Velho* fez referência a uma cidade entre *Collipo* - Leiria - e *Olisipo* - Lisboa - designada por *Eburobrittium*, não estabelecendo contudo a sua localização exacta.

Vários autores tinham vindo a tentar estabelecer a sua localização, apesar da ausência de vestígios materiais. Em 1994, durante a construção do IP6 e IC1 junto a Óbidos, foram descobertos vestígios arqueológicos da época romana, tendo sido identificados um *forum*

com proporções vitruvianas, e um conjunto termal, que confirmaram a descoberta de uma cidade. Pela sua localização só poderia ser *Eburobrittium* - a cidade referenciada por Plínio.

Distancia-se a cerca de 12 km do mar para nascente, implantando-se numa colina em frente a Óbidos, nos limites da actual várzea do antigo mar interior que constituía a Lagoa de Óbidos na época romana e imediatamente à esquerda da foz do Rio Arnóia nessa Lagoa.



Localização de *Eburobrittium* nos antigos limites da Lagoa. Sobre mapa conjectural de Joaquim Pereira da Silva, 1982



Relação actual entre Óbidos e *Eburobrittium*. Carlos Graça - manipulação sobre *Google Maps*.

A sua implantação é portanto significante em função do suporte físico, devendo também ser relacionada com outras duas hipotéticas influências. Por um lado, a existência de nascentes hidrotermais no território imediato a Óbidos (MOREIRA, 2002:59) e a *Eburobrittium* - Quinta das Flores - (MANGORRINHA, 2000:50) e a importância dada à água pela cultura romana. Por outro lado, a relação entre a implantação da cidade e os dois morros imediatamente em frente, por entre os quais se faria a entrada marítima na enseada da cidade, constituindo um portal de entrada natural, enquadrando e enfatizando-a na sua chegada fluvial. A reforçar esta ideia, segundo o arqueólogo Beleza Moreira, está a localização do centro monumental da cidade - *forum* e as termas públicas - no seu topo, coroando-a, acentuando-lhe afirmação e representatividade.

Sede de *civitas*, inserindo-se no *Conventus Scallabitanus*, a cidade de *Eburobrittium* dever-se-á ter desenvolvido entre o final do séc. I a.C. e a segunda metade do séc. V d. C. A sua localização permitiu-lhe desempenhar um contacto entre tráfego terrestre e marítimo, como ponto de redistribuição das rotas comerciais. A determinação da sua localização contribui para melhor compreender o estudo do "[...] traçado da estrada romana *Olisipo* -

Conimbriga, como da ligação que esse eixo fazia entre as cidades instaladas junto a vias navegáveis, colocando em comunicação o *hinterland*, ou o sublitoral, e as rotas oceânicas.” (BLOT, 2003:221).

A ausência de um sistema de defesa que as especificidades da sua implantação não permitiam - essencial no quadro de instabilidade e declínio do Império Romano do Ocidente - associado a um assoreamento progressivo da Lagoa, dificultando o seu contacto marítimo e actividades económicas daí decorrentes, terão levado ao seu abandono. O morro imediatamente em frente - Óbidos - possibilitaria a resposta a estes dois problemas, constituindo “bom posto de atalaia e de controlo do tráfego aquático” (BLOT, 2003:222).



Vista a partir de *Eburobrittium*: A Várzea como antiga Lagoa e o morro de Óbidos como futura implantação. Carlos Graça, 2012

4. ÓBIDOS

O período conturbado da queda do Império Romano terá originado a regressão das dinâmicas citadinas, preferindo as populações, por razões de segurança, a dispersão pelo território e a ocupação de locais de menor acessibilidade e maiores possibilidades de defesa.

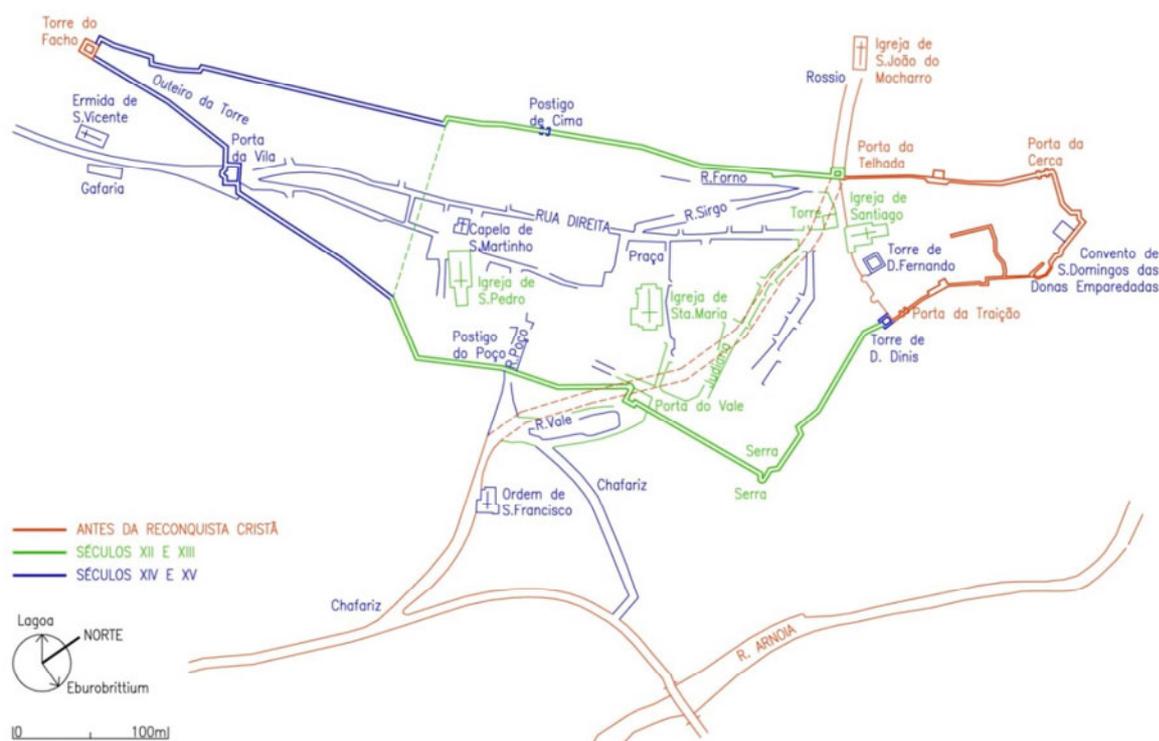
Será nesse contexto, bem como no de regressão lagunar, que se fará a transição de *Eburobrittium* para o aglomerado no morro de Óbidos. Por não ter sido certamente uma acção imediata, mas sim um processo num intervalo temporal, poder-se-á colocar a hipótese de co-habitação e interacção entre estas duas - ou mais - implantações no território: uma em decadência, outra em ascensão.

Fará assim algum sentido o cenário hipotético de que a ocupação desta zona Norte da colina - mais íngreme e acidentada, que melhor respondia a necessidades de vigilância e defesa - possa ter também como razão a maior proximidade a *Eburobrittium* através do caminho natural das margens do Rio Arnóia - situação que ainda hoje se verifica.

As populações que nesta época se deslocaram para o morro não deverão ter construído um aglomerado amuralhado desde logo, tirando partido apenas da topografia acidentada

para questões de defesa, uma vez que - apesar de não ser unânime entre vários autores - existe uma tendência para datar o primeiro troço de muralhas, na zona norte do morro, da ocupação islâmica que ali esteve aquartelada até ao século XII.

Com a reconquista cristã, a população muçulmana foi remetida para o exterior das muralhas formando a Mouraria. A estratégia de defesa cristã privilegiou a ocupação da cidade por povoadores vindos do Norte do país. O acréscimo populacional originou a que parte da população, não cabendo intramuros, se instalasse fora das muralhas primitivas e que “ainda no século XII, tenham encetado obras de construção de muralhas que englobassem as habitações entretanto surgidas” (SILVA, 1994:22).



Óbidos - Esquema genérico de evolução urbana. Adaptado de (SILVA, 1994:27).

O actual perímetro de muralha, será do final do séc. XIV, por ordem de D. Fernando. A transformação gradual de uma organização urbana que privilegiava a descida da encosta em direcção às margens do Rio Arnóia - e de *Eburobrittium*? - para uma configuração longitudinal da vila para sul, originou a abertura da Rua Direita - elemento estruturante da futura matriz urbana da vila.

Sendo Óbidos e o seu termo um domínio senhorial pertencente à Coroa, era assídua a presença das cortes - nomeadamente Rainhas D. Leonor e Catarina de Áustria - e a respectiva nobreza que as acompanhava, proporcionando estabilidade, segurança e dinâmicas de investimento, reflectindo-se numa importância populacional e cultural cada vez mais

consolidada. Relevantes obras e infraestruturas são realizadas na vila, nos séculos XV e XVI, já não tanto numa perspectiva de expansão, mas de consolidação e modernização das condições urbanas. A abertura da Praça em frente à Igreja de Santa Maria, ou a construção do aqueduto abastecendo água à vila são disso exemplos, segundo uma nova noção de espaço público.

Se os séculos XV e XVI foram os de maior fulgor de edificação e consolidação da matriz urbana, os séculos seguintes, manifestaram-se culturalmente nas artes decorativas a ela associadas - azulejaria, talha, etc. - destacando-se na pintura Josefa d'Óbidos, João da Costa ou Baltasar Gomes Figueira (CÂMARA, 1994:12).

A construção do hospital termal nas Caldas de Óbidos, mandado erguer pela Rainha D. Leonor, deu origem a um novo aglomerado populacional que contribuirá para iniciar um longo e gradual processo de deslocação de dinâmicas territoriais para as Caldas da Rainha.

[...] os dois últimos reis da dinastia de Avis não revelaram também interesse particular por Óbidos. [...] Depois da restauração, só nas últimas décadas do século XVII, a rainha Maria Francisca de Sabóia revelou algum interesse [...] contudo já não era ali que veraneava, ao contrário das suas antecessoras do século XVI, tendo trocado a vila de Óbidos pela vizinha Caldas da Rainha, onde ia a Banhos, como, aliás, a nobreza da época. (CÂMARA, 1990:43).

Também a continuação do assoreamento da Lagoa - que ainda era navegável até Óbidos no séc. XVI - terá dificultado a manutenção das relações económicas por via marítima e igualmente transformado Óbidos e arredores numa zona de menor salubridade, que não seria tolerável pelas crescentes preocupações higienistas que culminarão na cultura do final de oitocentos.

No início do século XVII os frades capuchos abandonaram este convento [de S. Miguel, nas Gaeiras] porque «os Religiosos enfermavam ali muito e pela molestia dos mosquitos», tornando-se impossível ali viver. (CÂMARA, 1990:18).

5. CALDAS DA RAINHA

Alguns autores (SERRA, 2003:292) defendem que a fundação do Hospital Termal - 1485 - e posterior investimento da coroa na povoação das Caldas¹ de Óbidos, mais tarde “da Rainha”, não terá sido apenas um acto isolado da rainha D. Leonor, por bondade ou proveito próprio, mas sim parte de um processo gradual de redefinição e afirmação do poder real, neste caso através do posicionamento estratégico em território da Coroa, na fronteira ao fértil senhorio dos Coutos de Alcobaça, atribuído no séc. XII aos monges de Cister.

[...] decidindo a Rainha D. Leonor criar um hospital na fronteira do domínio dos monges cistercienses não poderia deixar de contribuir para o definhamento e

¹ Nascentes de águas cálidas ou quentes.

substituição de funções hospitalares do Mosteiro. (VARANDA, Cit. por SERRA, 2003:291).

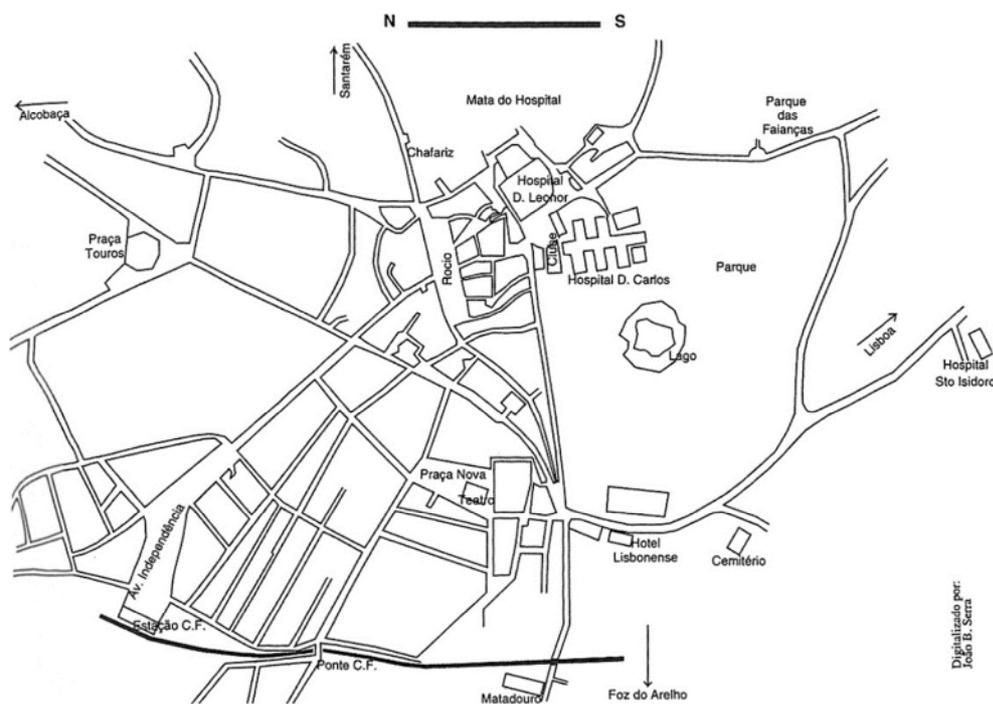
Assim, a Coroa sob o pretexto da criação do grande hospital moderno, empenha-se fundamentalmente no estabelecimento de um enquadramento económico e social a ele associado, sendo concedidos, por iniciativa real - D. João - um conjunto de incentivos aos futuros povoadores, originando a que D. Manuel em 1511 elevasse a povoação a título de vila - com respectivo termo - reforçando o território da Coroa na disputa fronteiriça com os Coutos de Alcobaça.

O século XVIII, despertou o interesse das classes mais abastadas pelas termas e pelo tema da água em geral. O próprio Rei D. João V foi frequentador das termas das Caldas e com ele, a respectiva aristocracia. Reformou-se e ampliou-se o antigo hospital, e numa lógica idêntica de valorização da água, resolveu-se o problema do abastecimento de águas potáveis à vila, através de chafarizes que melhoraram e dignificaram os espaços públicos e a condição urbana das populações.

No entanto, foi no final do século XIX que as Caldas da Rainha assumiram um notável protagonismo, com crescimento demográfico e geográfico do concelho, onde acresciam nos meses de Verão, os aquistas e respectivas famílias. Esse período marcou definitivamente a paisagem urbana das Caldas da Rainha, contribuindo para a ambiência identitária da cidade.

A chegada do comboio em 1887, aproximou Lisboa e reforçou a presença - que era já assídua - das elites sociais que seleccionaram as Caldas da Rainha como um dos locais de eleição para descanso e entretenimento. Frequentar as termas, bem como os banhos de mar, tornou-se num hábito cultivado pela nova burguesia oitocentista.

O fascínio pelas águas como que se transfigura com o liberalismo. À medida que a ciência vai descodificando e recodificando a natureza, as capacidades curativas atribuídas às águas residem menos em si do que na vida social que engendram. O visconde de Vila Maior [...] observava: «É por isso que os estabelecimentos termais, outros quaisquer de águas salutíferas, e os banhos do mar não se consideram por isso unicamente destinados para curativo de enfermos, pertencem também com justa razão à higiene das sociedades.» (SERRA, 2003:345).



Planta das Caldas da Rainha no final do séc. XIX. (SERRA, 2003:377).

O excesso populacional para uma vila que não estava preparada para tal, aliado à exigência social cada vez maior sobre os requisitos higienistas, colocava desafios que deram origem a melhoramentos urbanos típicos à época, conforme tinham vindo a ser implementados em Lisboa e noutras cidades, como o aformoseamento do Rossio - Praça da Fruta - e de ruas importantes, ampliação da rede de esgotos, criação de uma nova Praça - 5 de Outubro - para onde é transferido o Teatro, bem como alguns equipamentos característicos do mesmo período como Hotéis - “Lisbonense”- Praça de Touros, Matadouro, o novo Cemitério e a Estação de caminhos-de-ferro, equipamento fundamental, com ligação directa ao novo centro da cidade - o Rossio - e que irá estruturar o sentido da sua futura expansão e consolidação.

Também as termas deveriam dar resposta a este acréscimo de aqúistas e à nova forma burguesa e higienista do seu usufruto, sendo efectuadas remodelações sob a orientação do arquitecto Rodrigo Berquó - o aumento de um piso no edifício do hospital termal joanino, a resolução do deficiente abastecimento de água potável no Verão, e a criação do Hospital de Santo Isidoro como forma de separar o tratamento termal do infecto-contagioso. Mas a intervenção que maior relevância teria na cidade seria a criação do Parque Arbóreo - Parque D. Carlos I - associado aos Balneários termais, “[...] com um grande lago que servirá não só para divertimento dos banhistas, podendo andar embarcados em pequenas canoas que se alugarão ” e onde “[...] seja possível estabelecer diversos jogos tais como *lawn* ténis, croquet,

jogo da bola, tiro à pistola, tiro à seta, passeios em velocípedes, etc...” (BERQUÓ cit. por SERRA, 1991:43).

As intervenções na cidade e nas termas, complementando-se, materializam as aspirações e exigências sociais.

O foco de produção cultural no final do séc. XIX já não se encontra em Óbidos, mas sim nas Caldas da Rainha - ou em reflexões a ela associadas - através de personalidades como Rafael Bordalo Pinheiro, Fialho de Almeida, Ramalho Ortigão ou José Malhoa, em áreas como a caricatura, cerâmica, jornalismo, literatura e pintura.

A Paisagem Urbana reflecte ainda hoje muito da cidade física e social no séc. XIX, nomeadamente a forte presença de edifícios da transição do século, com elementos de composição eclética, revivalista ou de arte nova, com referências ao tipo de edificação de Lisboa no plano das Avenidas Novas de Ressano Garcia - a que a presença da elite social não será alheia. Destacam-se os elementos de cerâmica na sinalética urbana ou em fachadas de edifícios, revelando o gosto burguês e o fascínio pelo antigo material nobre do século XVIII - azulejo - agora mais acessível porque industrializado e permitindo incorporar os novos motivos e estéticas da época.

Mas não só nas Caldas da Rainha se manifestam estas influências: a Foz do Arelho afirma-se no início do séc. XX, como seu complemento e extensão territorial em época de veraneio, pelas virtudes dos banhos de sol e de mar que entretanto vinham sendo amplificadas. O cenário natural da Lagoa de Óbidos e simultaneamente a proximidade do mar, constituíam oportunidades e ofertas de entretenimento diversificado, relativamente às Caldas da Rainha.

Chamar-se-ia Foz de Óbidos e existiria provavelmente desde tempos medievais como comunidade piscatória (SILVA,1994:52). Apresentava uma relação estreita com o suporte natural, fosse com a Lagoa e actividades associadas (agricultura, pesca), fosse por se encontrar numa ”concha” abrigada dos ventos dominantes pela Serra do Bouro, terminando a 1 km do mar, nunca tendo as populações a necessidade de dele se aproximar, pelo perigo e por a Lagoa constituir fonte de subsistência.

Foi criado e gradualmente consolidado o eixo estruturante da expansão da povoação em direcção ao mar, reflectindo nele a vontade de veraneio e a estética do início do século, em edifícios como o palácio Grandela (hoje Inatel), Palacete Conde de Almeida Araújo, o Posto Fiscal e Estação Telegráfica, o “Restaurant”, a Escola Primária, e em 1909 o Eden Palace Hotel (Hotel do Facho) que culminava já nas proximidades do mar. Desejava-se que fosse o início de uma povoação balnear com importância no futuro.

6. CONCLUSÃO

O entendimento da Paisagem, bem como a sua gestão, não pode ser dissociado do entendimento dos Locais e Lugares que a constituem.

O *marketing* territorial, quando equilibrado e integrador, é um instrumento de dinamização de territórios e Paisagens. Contudo, pode introduzir riscos quando os reduz a meros produtos de consumo turístico, na expectativa de retorno apenas económico, adoptando estratégias de gestão que se destinam por vezes mais aos visitantes do que aos habitantes, ou tornando Populações, Locais e Paisagens, reféns da sua cristalização estética ou imagética. Noutros casos, o *marketing* pode sobrevalorizar alguns factores identitários marginalizando outros também importantes, e que na maior parte dos casos serão até complementares com desejável convivência e cooperação.

A transformação das Paisagens, sendo necessária para a sua sobrevivência, não deverá ser efectuada sem a compreensão das suas lógicas identitárias, que contribuem como factores de reconhecimento e de coesão social - Lugares Comuns. Trata-se de um problema de gestão da Paisagem, mas acima de tudo dos Locais/Lugares que a constituem.

No território em causa, Óbidos insiste na sua marca como cenário “Medieval” - e eventos a ele associados - quando na realidade “as marcas medievais subsistem ali apenas ao nível da matriz urbana (com alterações sofridas em séculos posteriores), [e] da cintura de muralhas” (CÂMARA, 1994:11), e não tanto ao nível arquitectónico do edificado. Por seu lado as Caldas da Rainha parecem distanciar-se de Óbidos pela sua marca de “Cidade Termal”, parecendo esquecer-se que inicialmente foram “Caldas de Óbidos”, e que o fenómeno de termalismo não é exclusividade sua - antes pertence ao território em que se insere, onde abundam outras nascentes hidrotermais, ainda que de menor relevância. O *marketing* do território, sendo importante, não deve ser redutor de outros valores. Antes deve ser integrador.

Esta comunicação pretendeu enfatizar lógicas comuns e de interligação na construção do território, em função do suporte físico e das circunstâncias históricas. Dado que os sítios em questão estão já bem documentados e estudados, preferiu-se enfatizar a relação de encadeamento e de ligação entre eles, numa lógica integradora, de cooperação e associativismo, aspirando contribuir para combater lógicas locais ou isoladas de gestão.

Concluiu-se que existem valores herdados da evolução territorial que poderão constituir mais-valias para a gestão do território e da Paisagem, para além dos valores já manifestados nos actuais *marketings* territoriais. Estes, publicitando essencialmente a época medieval ou o fenómeno termal de forma isolada, parecem ter marginalizado quer a cultura romana presente no território - Óbidos - quer as manifestações de transição do séc. XIX para o XX - Caldas da Rainha. Mas acima de tudo não se têm aproveitado mutuamente e ao facto

de estarem na continuidade histórica um do outro, com oportunidade de trabalharem em conjunto, em associativismo, e apresentar uma oferta cultural amplificada.

A continuação da escavação e estudo da cidade romana de *Eburobrittium* é fundamental para o alcance desse objectivo, bem como para a valorização e enquadramento dos restantes achados arqueológicos presentes no território². A actual auto-estrada estando na origem da sua descoberta, será hoje também o elemento de maior inércia e dificuldade para a continuação das escavações arqueológicas - suspensas desde 2006 - dado que parte da cidade romana se encontra soterrada sob o seu traçado - nomeadamente parte do *forum* e das termas. Este troço de auto-estrada foi efectuado sobre aterro e é portanto reversível. No entanto, o investimento avultado para o seu desvio e as inúmeras entidades envolvidas no processo não favorecem a resolução da sua situação.

Eburobrittium é um ponto privilegiado na leitura do suporte físico e na compreensão da evolução do território construído. A partir da cidade romana, avista-se amplamente a Várzea plana da antiga lagoa, o morro de Óbidos, e com grande imponência o Santuário do Senhor da Pedra - séc. XVIII. Não é apenas uma questão de beleza ou fealdade da Paisagem que se avista. Mais do que o seu valor estético, é a sua capacidade comunicativa - Lugar- que lhe acentua o interesse: a sua capacidade de comunicação na reconstituição de antigas paisagens, pois a leitura da actual Várzea como antigo mar é de uma enorme clarividência, bem como a implantação da cidade nos limites desse mar, com o morro de Óbidos em frente, permitindo vislumbrar a evolução do território. A Paisagem antiga torna-se presente a partir da actual, mostrando-nos aquilo que é, mas remetendo-nos igualmente para aquilo que foi, assumindo capacidade de evocação do Tempo. O facto de a cidade romana de *Eburobrittium* não estar actualmente plenamente capacitada para acolher visitas do público, é um impedimento para o cidadão usufruir e compreender a evolução do seu território e da Paisagem.

Óbidos e *Eburobrittium* são simultaneamente figura-fundo entre si: constituem Paisagem um do outro. Esta proximidade e o contacto visual entre ambas, poderá ser o pretexto da sua ligação qualificada - e qualificadora - através das margens do Rio Arnóia - elemento natural de ligação. Esta associação permitiria acompanhar a evolução do território desde a época romana até ao séc. XVIII, constituindo um ponto de sinergia na oferta cultural de Óbidos.

De igual modo, nas Caldas da Rainha, para além de uma maior associação entre o seu *marketing* territorial “termas” e as restantes manifestações de finais do séc. XIX e início do XX, seria de grande oportunidade para a criação de sinergias com Óbidos, o facto de entrarem na sua continuidade histórica, permitindo “narrativa territorial” conjunta, desde o século I a.C até ao séc. XX. Poderia constituir uma boa forma de *marketing* territorial

² Consultar (MOREIRA, FERNANDES, RAPOSO, 2008)

comum aos dois concelhos, mas acima de tudo uma forma de pedagogia e integração das populações na sua própria história e na compreensão do seu território, fundamental para a sua aproximação e conformação das acções sobre o mesmo.

A expressão ascendente, a partir de movimentos cívicos, é uma forma alternativa cada vez mais válida de pressão e condicionamento político na salvaguarda e gestão de património. Mas para que isso aconteça é fundamental o esclarecimento dos cidadãos, nomeadamente a compreensão evolutiva, histórica e cultural da sua Paisagem.

Como comentário final, a reflexão sobre este território em particular, associando dinâmicas territoriais a fenómenos de regressão marítima/fluvial, aspira contribuir para evocar questões, implicações e paralelismos interpretativos de outros territórios em circunstâncias semelhantes, em território Português ou fora dele.

BIBLIOGRAFIA

Monografias

- BLOT, Maria Luísa Pinheiro (2003), *Os portos na origem dos centros urbanos. Contributo para a arqueologia das cidades marítimas e flúvio-marítimas em Portugal*, I. P. A., Lisboa.
- CÂMARA, Teresa Bettencourt da (1990), *Óbidos: arquitectura e urbanismo: séculos XVI e XVII*, I.N.C.M., Lisboa.
- MANGORRINHA, Jorge (2000), *O Lugar das Termas*, Livros Horizonte, Lisboa.
- MARQUES [et al], Nuno Furtado (2001), coord. Carlos Mendonça da Silva, *Roteiro Cultural de Alcobaça - A oeste da Serra dos Candeeiros*, C.M.Alcobaça, Alcobaça.
- MOREIRA, José Beleza (2002), *A cidade Romana de Eburobrittium*, Mimesis, Porto.
- MOREIRA, José Beleza, FERNANDES, Isabel Cristina, RAPOSO, Luís (2008), “Estudo de âmbito Arqueológico do Concelho de Óbidos- Vol.1 - 2005-2008”, [s.n.: s.l.].
- HENRIQUES [et al], Virgínia (2005), coord. Maria Cândida Proença, *A baía de S. Martinho do Porto: aspectos geográficos e históricos*, Edições Colibri, Lisboa.
- SERRA, João B. (1991), *Introdução à História das Caldas da Rainha*, PH - Estudos e Documentos, Caldas da Rainha.
- SERRA, João B. (2003), *21 Anos pela História - Caldas da Rainha*, PH - Estudos e Documentos, Caldas da Rainha.
- SILVA, Manuela Santos (1994), *A região de Óbidos na época Medieval - Estudos*, PH - Estudos e Documentos, Caldas da Rainha.

Monografias em suporte electrónico

PORTUGALROMANO, (s.d), *Cidade Romana de Eburobrittium (Óbidos)*. Disponível em <<http://www.portugalromano.com/2011/02/cidade-romana-de-eburobrittium-obidos/>>. [Consulta realizada em 07/10/2013].

PINHEIRO, Alexandre, MONTEIRO, Sérgio (2011), *Paleolagoa de Óbidos na época romana - Eburobrittium*. Disponível em <<http://www.portugalromano.com/2011/02/paleolagoa-de-obidos-na-epoca-romana-eburobrittium/>>. [Consulta realizada em 05/10/2013].